

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v.15.n.35.07>

## Definindo e redefinindo conceitos: o caso de *Herland*

*Defining and redefining concepts: the Herland case*

Júlia Valero\*

Rosana Cristina Zanelatto Santos\*\*

**Resumo:** A natureza feminina e as supostas limitações das mulheres foram utilizadas como justificativa para excluir mais da metade da espécie humana da tomada de decisões, participação política, mercado de trabalho e educação de qualidade. Diante disso, o presente artigo tem como objetivo examinar a construção da linguagem e de conceitos ligados ao feminino e ao modo como estes são utilizados para explicar e justificar a marginalização e a sujeição do sujeito feminino em sociedade. Para o desenvolvimento de tal análise, elege-se como objeto de estudo *Herland – A Terra das Mulheres*, de Charlotte Perkins Gilman, que nos apresenta uma sociedade utópica composta somente por mulheres e explicita como tais mulheres se desenvolveriam e participariam de uma sociedade que não as excluísse ou as ligasse à inferioridade.

**Palavras-chave:** Charlotte Perkins Gilman. Linguagem. Feminismo. Filosofia.

**Abstract:** The feminine nature and supposed limitations of women were used as a justification for excluding more than half of the human species from decision-making, political participation, the labor market and quality education. Therefore, this article aims to examine the construction of language and concepts related to the feminine and how they are used to explain and justify the marginalization and subjection of the female subject in society. For the development of such an analysis, the book *Herland*, by Charlotte Perkins Gilman, is chosen as an object of study, which presents us with a utopian society composed only of women and explains how such women would develop and participate in a society that did not exclude them or link them to inferiority.

**Keywords:** Charlotte Perkins Gilman. Language. Feminism. Philosophy.

### Introdução

A inquietação com a definição de natureza feminina, maternidade, feminilidade e outros conceitos ligados ao sexo feminino não é algo novo. Em *A sujeição das mulheres*, o filósofo John Stuart Mill (2017) aponta para o fato de que, nas sociedades do século XIX, não se conseguia definir com precisão o que de fato era uma mulher ou quais eram suas características constitutivas, uma vez que os indivíduos do

\* Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

\*\* Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

sexo feminino viviam em sociedades sempre em relação com homens. As sociedades nas quais vigora o sistema patriarcal são as que estabelecem quais são os comportamentos esperados dos dois sexos. Mill demonstra que, embora a ideia de papéis sociais de gênero – que estabelece que uma parcela da sociedade se encontra em inferioridade –, de acordo com a natureza dos sexos não seja algo inovador, ainda é possível encontrar discussões e defesas da manutenção de um sistema que tem como base diferenças arbitrárias.

Em *Herland – A Terra das Mulheres*, de Charlotte Perkins Gilman, publicada sob a forma de folhetins em 1915, reunidos em livro em 1979, nos é apresentada uma sociedade utópica formada exclusivamente por mulheres, sendo que estas convivem livres de conflitos e da sujeição administrada pela sociedade patriarcal. Narrada pelo ponto de vista de um homem, que junto com seus dois amigos – também do sexo masculino – decidem explorar tal país quase mitológico, o romance nos faz refletir sobre a situação feminina na maioria das sociedades ocidentais e a maneira como a condição feminina é parte de sua natureza e não resultado de constrangimentos e coerções sociais estabelecidos por indivíduos em posição de poder e impostos pela tradição.

A posição marginalizada do sujeito feminino é demonstrada como consequência direta da construção da linguagem e dos conceitos que servem para manter as estruturas de poder. Conceitos ligados diretamente ao feminino são utilizados como justificativa da posição de inferioridade em que as mulheres se encontram socialmente. Utilizando discussões feitas por filósofos dos séculos XVIII e XIX acerca da sujeição das mulheres, assim como ideias de Grada Kilomba sobre como a formação de pensamentos e concepções está intimamente ligada à manutenção de poder de parcelas pequenas da sociedade, este artigo busca analisar como se constroem, em *Herland – A Terra das Mulheres*, conceitos e significados que, nas sociedades ocidentais, são utilizados para manter o sujeito feminino numa posição de exclusão social.

## **Quem constrói significados?**

Em quase todas as sociedades ocidentais, a construção da linguagem – que engloba aqui a utilização de certos termos e seus significados – é um poder detido por uma pequena parte das comu-

nidades, ou seja, aqueles em posição de poder são quem constroem os significados e determinam a utilização da linguagem. Por extensão, são também eles que definem quem pode participar ativamente da sociedade e o que pode ser dito. Historicamente, indivíduos do sexo masculino definiram quais eram os espaços permitidos ao sujeito feminino, de que maneira este poderia participar da sociedade, o que poderia ser discutido e o que certos conceitos podem significar. A importância dessa discussão se dá porque, como indivíduos dotados de linguagem, podemos adaptar, reconstruir e destruir edifícios retóricos em determinadas situações, modificando os significados e as formas utilizadas. Como um exemplo disso, podemos definir quem são os sujeitos na sociedade.

Essa não é uma tarefa fácil, pois significa desafiar estruturas de poder mantidas há gerações. A reivindicação pela mudança social e de linguagem é, diversas vezes, ignorada ou tida como menos importante por conta de sua posição contrária ao *status quo*. Como valores, ideias e normas que regem as relações em sociedade estão vinculados à estrutura de poder, só pode formular e reformular conceitos quem concorda com essa estrutura.

Assim como em Grada Kilomba (2020), aqui se analisa *quem* é o sujeito, isto é, quem pode falar, quem pode participar e quem pode ser ouvido. Embora faça uma discussão sobre a questão racial e quais espaços estão abertos para pessoas negras, Kilomba, utilizando a concepção de Spivak, advoga que a subalternidade pode ser estendida para a questão feminina. A subalterna está confinada à posição de marginalidade e ao silêncio. Em grande parte das sociedades orientais e ocidentais as mulheres são mantidas em uma posição inferior, de marginalidade, prescrita por uma sociedade patriarcal.

Como Kilomba, na esteira de Spivak, demonstra, a subalterna não pode falar, pois não é vista como sujeito. Isso se dá por conta das estruturas de opressão, que não permitem que suas vozes sejam ouvidas e tampouco proporcionam espaços para que mulheres possam participar politicamente. A ideia de uma subalterna silenciosa acaba por implicar que grupos subalternos são menos humanos do que seus opressores e, por consequência, menos capazes de falar por si.

A defesa da subalterna e da sua definição como participante ativo nas mais diversas sociedades já existe há séculos; muitos filósofos se debruçaram sobre essa questão. Um desses pensadores foi John

Stuart Mill que, em 1869, publicou o ensaio *A sujeição das mulheres*, no qual defendia uma maior igualdade de direitos entre os sexos. Para Mill, o princípio existente que regula as relações sociais está errado e é baseado somente nos costumes e nas opiniões de massa. Segundo ele, não há nada, exceto a opinião e os costumes, que prove que a diferença entre os sexos – em que um se vê como dominador e outro se encontra numa posição de subordinado – é algo intrínseco aos seres humanos.

Por conta do fundamento na opinião e no sentimento para justificar práticas opressoras direcionadas às mulheres, é difícil contestar a tradição patriarcal vigente nas sociedades ocidentais – em especial, no caso de Mill, a Inglaterra da segunda metade do século XIX. O filósofo demonstra que, embora a adoção de práticas e/ou opiniões universais acerca da subordinação feminina tenha sido aceita em épocas anteriores, com o decorrer dos tempos tais práticas deveriam cessar de existir. Segundo ele, a opinião favorável a um sistema que subordina o sexo feminino é baseado somente em uma teoria. Tal método de organização social – em que às mulheres são delegados o espaço doméstico, a modéstia e a abnegação – foi adotado em tempos anteriores sob a justificativa, entre outras razões, de sua menor força física. Por seu turno, Mill alega que não podemos ter qualquer veredito de fato válido que sustente tal organização social como única ou verdadeira, uma vez que nunca experimentamos qualquer outro modo de organização social:

Em primeiro lugar, a opinião a favor do sistema atual, que subordina totalmente o sexo fraco ao forte, se baseia apenas numa teoria, pois nunca se experimentou nenhum outro; assim, não se pode pretender que a experiência, no sentido em que comumente se opõe à teoria, tenha enunciado qualquer veredicto. E, em segundo lugar, a adoção desse sistema de desigualdade nunca foi resultado de uma deliberação, ou premeditação, ou quaisquer ideias sociais, ou qualquer noção do que poderia levar ao benefício da humanidade ou à boa ordem da sociedade. Veio simplesmente do fato de que, desde o mais remoto crepúsculo da sociedade humana, toda mulher (devido ao valor a ela atribuído pelo homem, combinado com sua inferioridade em força física) viu-se num estado de servidão a algum homem. (MILL, 2017, p. 230)

Somado a isso, devemos considerar que a relação entre os sexos na sociedade nunca foi o resultado de uma deliberação entre indivíduos ou qualquer outra noção focada no maior benefício da hu-

manidade ou de uma boa ordem social. Ela foi fundamentada no fato de que, historicamente, as mulheres se viam num estado de servidão a algum homem dentro da sociedade. Apesar desses apontamentos, Mill alega que o costume, por mais universal que aparente ser, não é suficiente para justificar ou criar preconceitos que coloquem a mulher como um ser submisso ao homem tanto social quanto politicamente. Os costumes, apesar de sua naturalização e ampla aceitação social, não são realmente legítimos. Utilizar o costume e a tradição como formas de justificar a submissão do sexo feminino é ignorar que tal sujeição não é *natural*:

Não vai funcionar, por exemplo, afirmar em termos genéricos que a experiência da humanidade se pronunciou em favor do sistema atual. A experiência não poderia se decidir entre dois processos enquanto só um tenha sido experimentado. Se se disser que a doutrina da igualdade entre os sexos se baseia em teoria apenas, deve-se lembrar que a doutrina contrária também só conta com a teoria como suporte. (MILL, 2017, p. 251)

Desse modo, não é possível alegar que a natureza dos sexos é o que os condiciona a suas posições sociais. Um dos motivos, segundo Mill, é que seria impossível conhecer a real natureza dos sexos, já que estes só são analisados na relação de um com o outro. Só obteríamos uma conclusão sobre a suposta natureza feminina ou masculina se os homens existissem em sociedades sem mulheres e as mulheres sem os homens, ou se houvesse alguma sociedade em que as mulheres não se encontrassem inferiorizadas e sob o controle masculino. Por essa razão, Mill alega que a natureza da mulher é o resultado de repressões sociais, constrangimentos e estímulos antinaturais. O caráter feminino – e sua suposta natureza – foi moldado para proporcionar o maior benefício para seus senhores (pais, irmãos e maridos). Assim como o caráter imposto às mulheres, podemos pensar também que os conceitos relacionados ao sexo feminino não são mais do que instrumentos de manutenção do poder nas mãos de uma classe ou grupo de indivíduos.

### **Sujeito, feminilidade e natureza em *Herland***

Tendo analisado como o significado de palavras e a linguagem são construídos a partir das estruturas de poder e das decisões daqueles que auxiliam na manutenção do *status quo*, *Herland* oferece ao

leitor um exemplo de como tais significados e linguagem seriam construídos em uma sociedade que não fosse dividida e mantida numa relação de dominação e submissão, com um dos sexos constantemente mantido numa posição inferior. Os três personagens masculinos, Van, Jeff e Terry, não servem apenas como personificação da maioria das sociedades ocidentais que têm em vigência o sistema patriarcal, mas também como exemplos da visão que é aceita pelos próprios leitores e como estes podem confrontar suas noções pré-concebidas sobre as mulheres e os conceitos relativos ao feminino.

Enquanto na maioria das sociedades ocidentais conceitos como feminino, feminilidade e maternidade têm um significado específico que se conecta diretamente às estruturas de poder nas quais as mulheres são vistas como inferiores, o mesmo não acontece em *Herland*, uma vez que naquela sociedade toda mulher está em posição de igualdade com suas concidadãs. Segundo Stuart Mill (2017, p. 252), no século XIX,

Se alguma vez tivesse havido homens na sociedade sem as mulheres, ou mulheres sem os homens, ou se tivesse havido uma sociedade com homens e mulheres na qual as mulheres não estivessem sob o controle dos homens, seria possível saber algo sobre as diferenças mentais e morais que possam ser inerentes à natureza de cada um.

Se, como alega Mill, não sabemos do que realmente se trata a feminilidade e a natureza feminina por nunca termos vivido em uma sociedade em que o sexo feminino não fosse subjugado e controlado, a *Terra das Mulheres* se apresenta como a exemplificação de como essas noções se aplicariam numa utopia feminina. Sendo assim, como perceberíamos uma mulher, as características femininas, a maternidade e a construção do sujeito social em um mundo em que mais da metade da espécie humana não tivesse sua humanidade e seus direitos negados?

Ao analisar, por exemplo, como as expressões “sujeito” ou “indivíduo” e mesmo “natureza feminina” foram usados no decorrer da história e na filosofia, podemos aferir a diferença como essas palavras são construídas em uma sociedade que não é regulada por uma relação desigual entre os gêneros.

A discussão acerca do que definiria um indivíduo está presente na filosofia – em especial europeia – há muitos séculos. Tal concepção, por muitas vezes, era utilizada para excluir setores da sociedade

da participação política, do mercado de trabalho e, por consequência, dos direitos. Indivíduos, para o filósofo iluminista Immanuel Kant (2012), são aqueles com capacidade racional, que agem por princípios. Embora não negue que tanto os homens quanto as mulheres possuem tal capacidade racional, esta é diminuída no sexo feminino, sendo que ele agiria não seguindo princípios, mas somente a estética. Ao não considerar as mulheres como indivíduos da mesma maneira que os homens, Kant justifica a sujeição feminina nas sociedades. Para seu contemporâneo Jean-Jacques Rousseau, as mulheres também não são indivíduos. Sua função, em sociedade, é somente ser mãe e esposa. Nas páginas de *Emílio*, ele apresenta as ideias de regular a educação e a vida das mulheres, confinando-as à esfera doméstica e colocando-as a serviço dos homens:

Na união dos sexos, cada um deles concorre igualmente para o objectivo comum, mas não da mesma maneira. Desta diversidade nasce a primeira diferença determinada entre as analogias morais de um e de outro. Enquanto um deve ser activo e forte, o outro deve ser passivo e fraco: é indispensável que um queira e possa, e basta que o outro resista pouco. Estabelecido este princípio, segue-se que a mulher foi especialmente criada para agradar ao homem. Se, por sua vez, o homem lhe deve agradar, essa necessidade é menos directa: o seu mérito está no seu domínio; agrada pela única razão de ser forte. Não é esta a lei do amor, estou de acordo; mas é a da natureza, anterior ao próprio amor. (ROUSSEAU, 1990, p. 182).

A questão do indivíduo pode ser observada logo de início em *Herland*. Os três personagens que descobrem aquele país misterioso se apresentam como três tipos de concepções masculinas – e até mesmo societais – sobre as mulheres: Jeff e Terry apresentam uma visão paternalista, embora em dois extremos diferentes; enquanto Jeff romantiza o sexo feminino, tratando-o de maneira por vezes infantilizada, Terry vê aquelas mulheres somente como objetos para benefício próprio, ou seja, como seres cuja função é satisfazer seu apetite sexual. Por seu turno, Van chega a admitir que, embora a maioria dos homens goste de seu amigo, todos se mostrariam relutantes em deixá-lo perto de suas irmãs, por exemplo. Além disso, para Terry, a noção do que significa ser mulher “de verdade” está diretamente relacionada com a beleza desta, embora nem mesmo poderia ser considerada como sujeito da mesma maneira que os homens:

Mas, salvo talvez sua mãe, alguém que poderia vir a ser sua esposa e, é claro, as parentes mais próximas de seus amigos, a ideia de Terry costumava ser de que mulheres bonitas eram apenas um jogo, enquanto as outras *nem deviam ser levadas em conta*. (GILMAN, 2018, p. 18, grifo nosso)

Seja como for, na visão ingênua e romantizada de Jeff ou na concepção patriarcal de Terry, em nenhum dos casos tais mulheres eram indivíduos completos: ou eram seres extremamente frágeis e indefesos, quase como crianças, ou eram objetos sexuais para a satisfação masculina. Van, o narrador, se mostra como uma espécie de meio-termo, embora muitas vezes concorde com as ideias de Terry:

Tente imaginar uma formiga macho, vinda de uma sociedade em que as formigas vivem em pares, interessadas em formar um lar com uma fêmea de um formigueiro altamente desenvolvido. Essa fêmea pode desenvolver um afeto intenso pelo macho, mas suas ideias de criação dos filhotes e gerenciamento econômico seriam de uma escala totalmente diferente da dele. É claro que, se ela fosse uma formiga sozinha em um país em que elas vivem em pares, o macho poderia conseguir o que quisesse; mas se ele fosse um macho sozinho em um formigueiro... [...] Em seus piores momentos, mergulhado em um rompante de fúria com o qual, como homem, devo simpatizar, Terry preferia a analogia das formigas. (GILMAN, 2018, p. 136)

Contrariamente à ideia desse amigo do narrador, as mulheres daquele país não se colocam em hierarquias sociais, seja qual for o critério para escolher as “melhores”. A beleza dos indivíduos não influencia seu posicionamento social nem mesmo lhes garante privilégios. Mesmo o possível benefício próprio – como o sexual ou romântico, buscado por Terry – não é algo que influencia as decisões do conjunto de mulheres. Diferentemente dessas concepções masculinas acerca do sexo feminino, na *Terra das Mulheres* todas são indivíduos. Todas são reconhecidas como pessoas completas, com suas próprias personalidades e presenças em sociedade, além de serem consideradas como parte importante do conjunto. Não há, em *Herland*, a noção que vemos em outras sociedades, excluindo o sexo feminino e delegando a ele somente a esfera doméstica.

A negação da participação das mulheres na esfera pública, mantendo-as na esfera privada, está ligada às mais diversas concepções de natureza feminina e ocupações tidas como próprias do sexo mas-

culino. Dentre as coisas consideradas “masculinas” estão os conceitos de civilização e progresso. Ao adentrarem na *Terra das Mulheres*, não é necessário muito tempo até que os três personagens masculinos se deparem com sinais de que aquele país é servido por um processo civilizatório. Essa ideia, porém, encontra rejeição, em especial vinda de Terry. Como este representa a visão patriarcal mais excludente – e por vezes violenta – da sociedade ocidental, nele vemos a concepção de que é impossível existir um grupamento social formado somente pelo sexo feminino, uma vez que as mulheres, quando juntas, lutariam entre si o tempo inteiro. Ele alega, portanto, que não é possível esperar qualquer organização ou ordenamento social: “– Elas lutariam entre si – Terry insistiu. – É o que as mulheres sempre fazem. Não podemos esperar nenhum tipo de ordem ou organização” (GILMAN, 2018, p. 17).

Mesmo ao admitir a possibilidade de tal sociedade existir, Terry ainda defende que tal organização social seria bastante primitiva, uma vez que não poderia se esperar invenções ou progresso. É importante notar aqui que a noção de progresso por muitas vezes está diretamente ligada à possibilidade do trabalho e de exercer profissões remuneradas na esfera pública. Tendo isso em mente, não é difícil de entender a reação de Terry, uma vez que, por muito tempo, somente os homens tiveram a oportunidade de trabalhar. Assim, é de se esperar que, ao aplicar a lógica patriarcal das civilizações ocidentais, a sociedade de mulheres não ofereça o mesmo tipo de “progresso” que as demais.

Historicamente as mulheres foram confinadas ao espaço doméstico, como se o trabalho realizado por elas não as levasse ao progresso. As funções do cuidado da casa, dos filhos e parentes mais velhos, a educação das crianças, a costura e a limpeza, todo esse esforço era ignorado, não remunerado e não visto como “trabalho de verdade”, pois não auxiliava diretamente na economia e era percebido como parte da natureza feminina.

Filósofos como Jean-Jacques Rousseau percebiam as ocupações geralmente adotadas e executadas pelos homens como não adequadas para as mulheres, pois estas deveriam ser confinadas à esfera doméstica e receber um tipo de educação que lhes permitisse cumprir seus deveres como esposas e mães:

Assim, toda a educação das mulheres deve ser em relação aos homens. Agradar-lhes, ser-lhe úteis, fazer-se amar e honrar por eles, educá-las

quando jovens, tratá-los quando adultos, aconselhá-los, consolá-los, tornar-lhes a vida agradável e doce: eis os deveres das mulheres em todos os tempos, e o que lhes deve ser ensinado, desde a sua infância. (ROUSSEAU, 1990, p. 190)

Como o trecho de Rousseau demonstra, a suposta inferioridade e a natureza feminina que as manteriam no espaço privado é resultado da educação e dos constrangimentos sociais mantidos pela tradição masculina. Uma das evidências de que a *Terra das Mulheres* era uma sociedade civilizada, por exemplo, é descoberta pelos homens, logo ao chegarem naquele país, de um pedaço de tecido, que é facilmente ignorado por Terry, uma vez que a tecelagem, para ele, faz parte das ocupações femininas “desde sempre”:

- Não, senhor. Elas devem lutar entre si – concordou Terry. – E não devemos esperar invenções ou progresso. Deve ser bastante primitivo.
- Mas e o tecido que encontramos? – Jeff lembrou.
- Tecido! Mulheres sempre foram fiandeiras. Mas devem ter parado aí. Você vai ver. (GILMAN, 2018, p. 17)

As noções de feminino, feminilidade e mulher assumem, nas sociedades ocidentais, um significado que não somente justifica, mas também perpetua a categorização do sexo feminino como um sujeito de segunda classe. Uma das explicações para que aquelas mulheres não fossem consideradas indivíduos – ou sujeitos – no país de Van, Jeff e Terry está diretamente ligada ao conceito de feminino ou feminilidade. Embora seja difícil definir com precisão o que é a feminilidade, há diversas características que se encaixam no que torna uma mulher “feminina”: cabelos longos, uso de roupas e cores específicas (como o rosa), tom de voz, abnegação de si e grande preocupação com a aparência.

A aparência das mulheres em *Herland* era, para os personagens masculinos, bastante diferente do que se esperava de uma mulher nas sociedades que eles conheciam. Embora todas utilizassem cortes de cabelos e roupas práticas para o cotidiano, tais escolhas não se encaixavam às expectativas colocadas sobre as mulheres. Ao verificar que todas usavam cabelos curtos, por exemplo, Jeff lamenta, dizendo que, se usassem cabelos mais compridos, seriam mais *femininas*. Quanto a isso, Van discorda, demonstrando que o conceito de feminilidade é algo construído socialmente – e portanto não natural do sexo feminino:

Por que deveríamos admirar a coroa de cabelos feminina e não as longas tranças dos chineses é algo difícil de explicar, a não ser pelo fato de que estamos convencidos de que o cabelo comprido ‘pertence’ à mulher – ainda que o ‘cabelo’ do cavalo esteja presente em ambos os sexos, e em leões, búfalos e outras criaturas apenas nos machos. (GILMAN, 2018, p. 41)

Posteriormente, mais uma vez Van reconhece que a feminilidade e suas constantes exigências nas sociedades ocidentais é uma definição arbitrária de comportamentos:

Aquelas mulheres, cuja distinção essencial da maternidade era nota dominante de toda cultura, eram marcadamente deficientes no que chamamos de ‘feminilidade’. O que me levou rapidamente à conclusão de que os ‘charmes femininos’ de que tanto gostamos não são nem um pouco femininos, mas mero reflexo da masculinidade – desenvolvidos para nos agradar porque elas tinham de nos agradar, nada essenciais para o desenvolvimento de propósitos maiores. (GILMAN, 2018, p. 70)

Ou seja, a feminilidade é um reflexo dos constrangimentos e das coerções sociais ensinadas e impostas às mulheres desde seu nascimento.

É importante notar que tudo aquilo que é considerado feminino em sociedades patriarcais é visto como inferior, e isso se estende a outros membros dessas comunidades. Ao separar, em seu ensaio de 1764, denominado *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*, os sexos entre nobre e belo sexo, Kant (2012) define que cada um possui características e comportamentos inerentes, classificados então como naturais. Esses comportamentos e características, embora presentes em ambos os sexos, podem, por vezes, tomar o que ele classifica como uma falsa direção: a presença de exacerbada vaidade no sexo masculino transforma indivíduos em dândis ou janotas, aproximando-os de características femininas, enquanto sua ausência no sexo feminino transforma as mulheres em amazonas, aproximando-se de homens. O comentário de Kant nos leva a perceber algumas coisas: características tidas como femininas são inferiores, e sua presença em homens os diminui na hierarquia social – a expressão “delicado cavalheiro”, por exemplo, assemelha-se a uma tentativa de abrandar o preconceito contra a delicadeza dos homens, em razão de características tidas como femininas. Por outro lado, características

admiráveis em homens, não são desejáveis em mulheres, pois estas adquiririam um caráter anômalo, que vai contra sua própria natureza.

Ao tratar de características femininas e feminilidade, é necessário que nos debrucemos sobre o conceito de mulher, também de difícil definição. Há, nos primeiros encontros entre os homens e as mulheres de *Herland*, a concepção de uma estreita ligação entre o conceito de mulher e os conceitos como juventude e beleza:

Em todas as nossas discussões e especulações, sempre assumimos de forma inconsciente que as mulheres, independentemente de suas outras características, seriam jovens. É como a maioria dos homens pensa, imagino.

“Mulher”, em sua forma abstrata, é uma pessoa jovem e presumivelmente encantadora. (GILMAN, 2018, p. 30)

Essa conexão é feita há tempos, tanto na vida cotidiana quanto nas artes e na filosofia. A exigência da beleza, ligada à juventude – e preferencialmente voltada para o sexo feminino –, é mais uma das técnicas utilizadas pelo patriarcado para manter o controle sobre os corpos femininos e o poder, ditando-lhes comportamentos.

Segundo Naomi Wolf (1992), a ideologia da beleza é uma das últimas que ainda têm o poder de controlar o corpo das mulheres, em especial aquelas que, desde a segunda onda do feminismo, se tornaram “incontroláveis”. Se a reivindicação por igualdade de direitos, a maior liberdade sexual e a possibilidade de participação na esfera pública da sociedade moveram as mulheres na luta contra tradições inventadas pelos homens, a exigência da beleza constante e a preocupação com o envelhecimento se tornaram instrumentos de coerção social da mesma maneira que a domesticidade, a maternidade, a castidade e a passividade eram anteriormente.

Kant demonstra, desde o século XVIII, a concepção do sexo feminino como o “belo sexo”. É dito pelo filósofo que as mulheres, desde a infância, apresentam preferência pelo cuidado com a aparência, demonstrando gostar de se enfeitarem e serem entretidas com gracejos e trivialidades. Possuem modos modestos e notável autodomínio. Ele deseja demonstrar que tais práticas são inatas ao sexo feminino, mas é perceptível, em seu ensaio sobre o belo e o sublime, que o gosto feminino por trivialidades, decorações e aparência se deve aos constrangimentos e à pressão social a que as mulheres estão sujeitas, em consonância com a educação recebida por elas:

A isso devem referir-se todos os juízos sobre ambos os gêneros, tanto os de louvor quanto os de censura; toda educação e instrução deve ter isso diante dos olhos, assim como todo esforço no sentido de promover a perfeição moral de um ou outro sexo da espécie humana, a menos que se queira ignorar a estimulante diferença instituída entre eles pela natureza. (KANT, 2012, p. 34)

Em *Herland*, o primeiro contato dos personagens masculinos com as mulheres da *Terra das Mulheres* se dá por meio de uma recepção curiosa por parte delas – primeiro com meninas, e logo em seguida com mulheres mais velhas, que se apresentam como guias ou tutoras daqueles homens enquanto visitam seu país. É aqui que temos uma primeira visão das expectativas masculinas acerca da beleza e da juventude do sexo feminino. Jeff e Van, que têm para si representações mais romantizadas ou moderadas sobre as mulheres, demonstram certa decepção com a aparência daqueles indivíduos. Van diz ao leitor que, embora fossem todas mulheres, não eram consideradas belas no sentido socialmente aceito como feminino: “Não eram jovens. Não eram velhas. Não eram, no sentido feminino da palavra, bonitas” (GILMAN, 2018, p. 29). Na *Terra das Mulheres*, ao tentar presentear as mulheres com objetos brilhantes e coloridos, Terry se revolta com o aparente desinteresse, dando a entender que, se fossem mulheres mais novas, aceitariam de bom grado. Para ele, é inconcebível que o sexo feminino trate com tanta apatia aqueles presentes que servem como decoração, uma vez que esse deveria, segundo a ideologia patriarcal, ser o principal objetivo das mulheres.

Tal pensamento encontra consonância não só socialmente, mas também na filosofia. Ao alegar inicialmente que, além da domesticidade e da maternidade, o objetivo de vida das mulheres é o cuidado exacerbado com a aparência, Kant (2012, p. 49) argumenta que o “belo sexo” só poderia consumir suas pretensões em relação às reflexões e às atividades intelectuais quando atingisse uma idade avançada, ou seja, havia a concepção de que a filosofia, a ciência, a literatura e as demais artes eram campos de atuação *masculinos*, devido ao grande esforço intelectual despendido. O sexo feminino, por sua “natureza”, deveria dedicar-se aos encantos externos, e somente quando tais encantos se extinguíssem a contemplação profunda e intelectual se abriria para as mulheres. Kant alega que tal possibilidade só existiria porque a idade devastaria a beleza e os outros encantos femininos.

Uma vez que o valor de uma mulher não está mais em sua beleza, esta pode então desenvolver suas capacidades intelectuais.

Essa concepção é representada também na narração de Van, mesmo quando este demonstra apenas as reações e os pensamentos de seus amigos. Em *Herland*, segundo o narrador, as mulheres mais velhas perdem seus atrativos e, logo, sua “utilidade” para os homens. Terry novamente é um dos mais vocais sobre tais opiniões. Uma terra somente de mulheres, quando se tem o objetivo implícito de que ela sirva como harém pessoal, só poderia ter mulheres jovens e desejáveis. Notadamente, Terry não considera as mulheres mais velhas como mulheres de verdade, uma vez que elas não são de seu interesse: “– Garotas de verdade! – Terry concordou, de repente aliviado. – Fico contente que as tenha mencionado. Juro que, se achasse que não havia nada neste país além dessas granadeiras, pularia da janela” (GILMAN, 2018, p. 39).

Além da juventude e da beleza exterior, para a opinião geral, o que define uma mulher não é somente o sexo biológico, mas também sua predestinação: o objetivo de vida de uma mulher é cumprido quando ela se torna tanto esposa quanto mãe. O matrimônio e a maternidade, porém, são mantidos na esfera privada. A mulher é o indivíduo responsável por cuidar da casa, criar os filhos, limpar e organizar. Sua existência se resume a isso. Embora tal diferença de tratamento entre os sexos seja aparentemente fruto de normas morais e tradições, muitos argumentam que ela é a disposição natural da sociedade. Rousseau (1990, p. 185) exclama:

A rigidez dos deveres relativos aos dois sexos não é, nem pode ser, a mesma. Quando, a esse respeito, a mulher se queixa da injusta desigualdade que o homem estabelece entre eles, não têm razão; essa desigualdade não é uma instituição humana, ou, pelo menos, não é obra de preconceitos, mas da razão: é àquele dos dois que a natureza encarregou do depósito dos filhos que compete prestar contas ao outro.

Diferentemente dessa visão, em *Herland* Gilman nos apresenta uma concepção de mulher que não utiliza tais imperativos. Embora as mulheres na *Terra das Mulheres* ainda vejam a maternidade como um de seus maiores objetivos, ela não é compulsória como acontece em outras sociedades. Ali, as mulheres desejam gestar e, mesmo quando gestantes ou mães, participam ativamente de sua comunidade, não sendo confinadas ao espaço doméstico. Tal concepção é um choque

para os personagens masculinos: “Os homens fazem tudo entre nós. – Ele abriu os ombros e inflou o peito. – Não permitimos que nossas mulheres trabalhem. Elas são amadas, idolatradas, honradas, mantidas no lar para cuidar das crianças” (GILMAN, 2018, p. 72).

Percebemos então como a maternidade – conceito tido como essencialmente da mulher – é utilizada como meio de explicar e impor a exclusão do sexo feminino na esfera pública, mantendo-o confinado à esfera privada: as mulheres, seres que geram herdeiros, devem ser mantidas no lar para cuidar das crianças.

A maternidade na *Terra das Mulheres* também é um dos conceitos basilares na definição daqueles indivíduos. Tudo o que existe naquele país é ligado à maternidade e à proteção da prole. As árvores, por exemplo, são todas frutíferas, servindo não somente como fonte de alimento, mas também como uma representação da natureza como criadora de gerações futuras. Em relação aos animais, são permitidos somente gatos, uma vez que os cães apresentam um perigo para as crianças. Embora a capacidade de gerar filhos ainda seja extremamente celebrada e represente o destino do sexo feminino naquele país, ela não é vista como uma forma de manutenção do controle sobre o corpo feminino e nem mesmo como justificativa para a exclusão social. As mães são participantes ativas na sociedade e não são as únicas responsáveis pelo cuidado das crianças, já que a educação das gerações mais novas é vista como dever de todas ali presentes:

Toda a devoção redentora que nossas mulheres punham em sua própria família, aquelas mulheres punham em seu país e em seu povo. Toda a lealdade e a assistência que os homens esperam das mulheres, elas davam não a um único homem, mas uma à outra, coletivamente. (GILMAN, 2018, p. 107)

As crianças da Terra das Mulheres não apenas nasciam em um mundo cuidadosamente preparado, cheio dos mais fascinantes materiais e oportunidades de adquirir conhecimento, mas em uma sociedade com inúmeras professoras, com treinamento e talento para tal, cujo trabalho era acompanhá-las ao longo do que, para nós, parecia algo impossível: a estrada verdadeira para o aprendizado. (GILMAN, 2018, p. 121)

As estruturas de poder que definem os sentidos das palavras estão presentes mesmo em outros termos que se ligam às questões femininas. Em *Terra das Mulheres*, ao discutir como nascem novas pessoas naquela sociedade sem homens, elas parecem não entender

o que significa ser “virgem”. O conceito de virgindade está intimamente ligado ao patriarcado, uma vez que pode ser utilizado pelo sexo masculino para garantir que aquela mulher não foi “corrompida” ou “utilizada” por outros. Tal conceito não é aplicável em uma sociedade exclusivamente feminina, na qual as mulheres não são vistas como posse. Elas, por exemplo, questionam se o termo se aplica também aos homens, uma vez que a definição da palavra, como lhes foi apresentada, é “indivíduo que não copulou”. Jeff, porém, alega que o termo descreve uma fêmea que não copulou e que raramente é aplicado ao sexo masculino. Sendo assim, não haveria motivo para que a virgindade fosse um conceito direcionado ao sexo masculino da mesma maneira que é feita ao feminino, uma vez que homens não são vistos como objetos a serem possuídos.

As justificativas para a exclusão de setores sociais muitas vezes são arbitrárias. A filosofia, por exemplo, por muito tempo utilizou a noção de “natureza feminina” para explicar a posição de submissão que o sexo feminino encontra em sociedade. Tal natureza pode muito facilmente ser desconsiderada, ainda mais quando levamos em conta que, para mantê-la funcionando como deveria, as mulheres devem receber uma educação que as ensine somente a realizar seu destino como mães e esposas. Se a maternidade e o casamento fazem parte da natureza das mulheres, estas não precisariam receber tal condicionamento. As mulheres presentes na *Terra das Mulheres*, porém, são representações de um conceito diferente de natureza feminina. Esta, assim como a natureza masculina em outras sociedades, é realizada com o desenvolvimento de suas capacidades e habilidades. Todas as mulheres nessa utopia têm as mesmas oportunidades bem como a mesma educação e são consideradas como iguais.

## **Considerações finais**

No decorrer da história da humanidade, foram os homens que definiram quais eram os espaços femininos e o que poderia ser discutido neles. Para as mulheres, foi designado o espaço privado, doméstico, enquanto os homens poderiam circular livremente pelo espaço público. Além disso, foram os homens quem definiram o que caracterizaria o sexo feminino e fizeram isso de modo a controlar os corpos femininos.

Na tradição filosófica, pesquisar e discutir questões femininas e feministas apresenta alguns empecilhos. No ambiente acadêmico, poucos são os autores estudados sobre tais temas e raras são as vezes que questões assim são mencionadas em círculos teóricos. Será que tal discussão não existe? Muito pelo contrário, uma vez que esses argumentos existem pelo menos desde o século XIV. Porém, como a filosofia, vários outros ambientes são dominados por homens; são eles que decidem quais aspectos e discussões filosóficas serão importantes. Metafísica, ontologia, epistemologia, ética: em todas elas, em geral, o enfoque é nas teorias propostas por homens que falem de maneira a homogeneizar o ser humano. Aqueles que mencionam o sexo feminino acabam por cair no esquecimento.

Ao propor uma sociedade utópica formada somente por mulheres, Charlotte Perkins Gilman problematiza as noções sociais acerca do lugar (do) feminino, quais são suas ocupações, qual é sua natureza e até que ponto tais mulheres são consideradas indivíduos. A forma como Gilman constrói e organiza a narrativa em *Herland* propõe um exercício de reflexão ao seu leitor. Nessa sociedade, diferentemente de outras, as mulheres não se encontram em posição inferior socialmente, não recebem uma educação limitante e não veem negados seus direitos de participação e discussão na esfera pública.

Apresentando-se como uma representação das sociedades patriarcais, os três personagens masculinos em *Herland* servem como contraponto para a sociedade completamente feminina da *Terra das Mulheres*, em que tradição, educação, religião e leis não se apresentam como empecilhos para o desenvolvimento dos indivíduos do sexo feminino ou a sua participação social. Van, Jeff e Terry são uma demonstração acerca das estruturas de poder que definem o que, quando e de que modo pode ser dito pelas mulheres.

Ao explorar como se constituiria um indivíduo do sexo feminino em uma sociedade em que não se encontrasse subjugado ao sexo masculino, a utopia de Gilman nos propõe que o significado dos termos e da linguagem utilizada para se referir às mulheres ou aos aspectos tidos como femininos é uma reafirmação das estruturas de poder vigentes nas sociedades ocidentais, que marginalizam e desumanizam parcelas da sociedade, negando às mulheres a possibilidade de participação ativa e espaço para discussões.

## Referências

GILMAN, Charlotte Perkins. *Herland – A Terra das Mulheres*. Tradução de Lígia de Azevedo. São Paulo: Via Leitura, 2018.

KANT, Immanuel. Da diferença entre o sublime e o belo na relação dos sexos. *In*: KANT, Immanuel (Org.). *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*. Ensaio sobre as doenças mentais. Lisboa: Edições 70, 2012. p. 34-54.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*. Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2020.

MILL, John Stuart. *A sujeição das mulheres*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio*. V. II. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1990.

WOLF, Naomi. *O Mito da Beleza*. Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

*Recebido em: 14/12/2022*  
*Aprovado em: 06/04/2023*